

LIBERDADE

ANO 10 - Nº 98
JAN-FEV/2000

INFORMATIVO do CÍRCULO de ESTUDOS LIBERTÁRIOS IDEAL PERES - CELIP/RJ
CAIXA POSTAL 14576 - CEP 22412-970 - RIO DE JANEIRO - RJ - BRASIL
Reuniões do CELIP todas as terças, as 18:30 h, no IFCS/UFRJ, Lgo. de São Francisco, 1 - Centro - Rio/RJ

O II ENCONTRO AMERICANO PELA HUMANIDADE E CONTRA O NEOLIBERALISMO

Ocorreu em Belém, capital do Pará, na região Amazônica brasileira, entre os dias 6 e 11 de dezembro de 1999. Nele estiveram presentes participantes de mais de 20 países e de todos os estados brasileiros. Entre estes, estavam centenas de anarquistas, muitos deles já reunidos desde o ENPAL, que ocorreu entre 3 e 5 de dezembro. Caracterizou-se como encontro libertário que em muito ajudou na organização da atuação libertária no II Encontro Americano.

Estavam presentes no II Encontro libertários de diversos países, com as mais diversas orientações teóricas e comportamentais. No campo combativo e libertário estavam presentes @s companheir@s da *Resistência Popular Amazônica*, da *Resistência Popular Gaúcha*, e a *Resistência Popular de São Paulo*, e membros da pró-Resistência do Rio de Janeiro, além de companheiros de vários outros estados, como Bahia, Piauí, Paraíba, Amapá, bem como de outros países, como Espanha, Chile, Argentina, Uruguai.

Aos poucos fomos nos tornando a referência de todo o campo combativo e libertário, e de todas as tendências e correntes políticas que buscavam a democratização do evento.

Existia uma tentativa oportunista da Prefeitura de Belém, na pessoa de Edmilson Rodrigues (PT, "Força Socialista") e de outros membros deste partido (como o seu presidente José Dirceu, que foi intensamente vaiado na abertura do evento) de aparelhar o Encontro. A eles se aglutinaram as forças reformistas e eleitoreiras, que queriam transformar o II Encontro em uma apologia a suas políticas mesquinhas que, entre outras coisas, inclui aumento das passagens de ônibus negociada com empresários de transporte local, prejudicando a população usuária do meio de transporte. Os políticos também tentaram inviabilizar a participação nas plenárias, das pessoas que não tinham condições de pagar a taxa de ingresso nas sessões. Para acentuar ainda mais a elitização, só podiam entrar nas plenárias aqueles que estivessem devidamente autorizados com crachás, o mesmo gesso da burocracia reformista tentando reprimir os movimentos populares. A mesma burocracia aconteceu em relação à alimentação.

Fomos, de forma organizada, derrubando uma a uma as tentativas de elitização do II encontro. Chegamos ao ponto de nos retirarmos da plenária e continuarmos o evento em local próximo ao proposto pelos pelegos reformistas. Juntas vieram todas as forças políticas e sociais que buscavam uma troca de experiências teóricas e práticas na luta contra o capitalismo e, não apenas, nas tentativas daqueles que querem tão somente reformar o monstro e administrá-lo para os parasitas. Retiraram-se também mais de 90 lideranças populares indígenas brasileiras, que representavam mais de 31 povos, e diversas etnias de toda a América, inclusive índios do Canadá. Estes se reuniram paralelamente, formando uma reunião específica, onde trocaram experiências sobre suas lutas cotidianas e suas participações no Encontro.

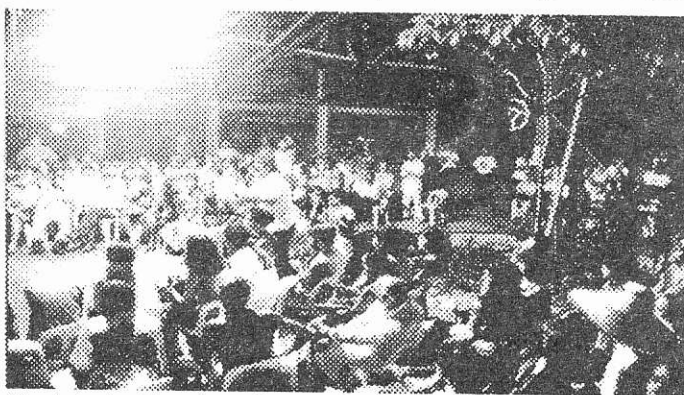
Nossa atitude foi elogiada pelos membros do *Exército Zapatista de Libertação Nacional* (EZLN) presentes no encontro, que reconheceram o des-

vio que os reformistas estavam querendo dar em relação ao I Encontro que se realizou em Chiapas. A *Frente Zapatista de Libertação Nacional* também esteve em nossas plenárias e foi durante uma delas que se pronunciou a expectativa de destruir o "muro da vergonha capitalista", que separa os Estados Unidos do México, formando uma marcha onde deveriam estar presentes diversos movimentos sociais da classe trabalhadora.

Com tudo isto, o encontro continuou e a ala reformista foi obrigada a negociar conosco, resultando uma melhor participação de todos os movimentos sociais presentes, além de viabilizar a participação de diversas pessoas impossibilitadas de pagar para participarem das plenárias.

O II Encontro não foi apenas uma trincheira teórica mas, sim, uma prática de luta contra o capital com sua atual máscara monstruosa, o neo-liberalismo. Vale destacar a participação do movimento negro, como o movimento Rap (em especial do Maranhão), mulheres negras e dos remanescentes dos quilombos. Também merece destaque o dia em que foi desenvolvida a plenária das mulheres, onde puderam expressar toda a opressão que vem sofrendo à séculos por toda a sociedade. Na mesa estavam companheiras anarquistas, que explicitaram algumas das questões das mulheres libertárias. É bom lembrar também a excelente atuação das dezenas de Punks, em perfeita sincronia com todos os anarquistas.

É importante ressaltar a capacidade da camaraderia da *Resistência Popular Amazônica*, que recebeu muito bem a todos os anarquistas, garantindo o bom rendimento das plenárias libertárias, assim como das assembleias mais amplas. A mesa composta pelos povos indígenas foi brilhante, pois diversas etnias se pronunciaram, demonstrando que a luta contra o colonizador assassino e pela vida de suas diversas culturas é algo mais atual que nunca. Destaco os representantes indígenas do movimento Zapatista, que com muita fé em suas raízes culturais, no cristianismo popular e na força do povo latino americano em



Plenária dos libertários durante o II Encontro - Foto Rui Takeguma

luta, estão mostrando que é possível resistir e construir alternativas à esta nova escama do velho capitalismo.

Para nós do campo anarquista, libertário e combativo foi um verdadeiro avanço, pois demonstramos força política e capacidade de organização social. Este encontro representou para nós, oprimidos pelo capitalismo, uma grande esperança de resistência e de vida para todos, e que as nossas histórias de lutas e vitórias serão a vitória da humanidade.

**Organizar para lutar!
Lutar para organizar!
Por justiça, liberdade e democracia direta, e popular!**

Matéria escrita por membro da *pró-Resistência Popular do Rio de Janeiro* presente ao Encontro.

AS BOCAS

**"A espinha dorsal do anarquista é vitrea:
quebra mas não verga"**

Inscrição anônima na parede da "Geladeira", cela da Polícia Central do Rio de Janeiro, em 1922

ENSAIO SOCIAL-CARNAVALESCO

"Blusão prá fora da calça, bico do sapato olhando pro céu, lá vai o malandro, com cara de cruel, de papel..." - este falso malandro, retratado neste samba de Bezerra da Silva, é a cara cuspidada e escarrada do exército de *"uns e outros"* que protegem a tudo e a todos nos camarotes da Rua Marquês de Sapucaí, no Sambódromo. Que diferença *prás* maltas de capoeiragem, enormes e às dezenas no Rio, a partir das três últimas décadas do século XIX, até às primeiras décadas do séc. XX.

A madeira, vinha da tradição portuguesa do *pau-dominho*, ou *minhoto*, sincretizada nos cortiços e casas de cômodos onde a classe sub-empregada vivia em profusão. Da *"briga de pau"*, nasceu a bengala de jacarandá, a chamada *petrópolis*, prá arrebentar a cabeça dos meganhas (polícia). A lâmina vinha do sertão, dos *tocaieiros* e, na cidade, se fundiu com a navalha sevilhana dos espanhóis, e o *estileto* dos imigrantes italianos. A melhor lâmina da época, a *"solingen"*, abria talhos e sangue nos inimigos. Lenços e camisas de seda pois esta a navalha não as corta, o sapato de bico duro prá chutes e rasteiras, chapéu de coco trançado prá defender de navalhadas, aparar golpes e cabeçadas. E assim, *"malandros"*, urbanos guerreavam entre si e contra o sistema, se fundiam com costumes de trabalhadores imigrantes, e por vezes, como na Revolta da Vacina, a classe se fazia única, o morro desceu e o anarquismo hegemônico levou a revolta urbana para a capital da jovem república.

Voltando ao carnaval, a malandragem *"...de papel"*, que defende a classe opressora unificada. Cravada no coração do Rio, o monumento à festa popular roubada pelas elites brilha em grandeza e hipocrisia. De dezembro ao carnaval, favela vira *"comunidade"* para as elites. Vagabundas de luxo, com brilhos e óleos, desfilam nuas ou semi-nuas, do alto de suas escolas de *"coração"*. Lá embaixo, suando e ralando, a rapaziada empurra estes mesmos carros. É durante o desfile, que ao menos no Rio, a coisa fica escancarada. Nos camarotes, é um ao lado do outro, o da prefeitura, do governo estadual, das multinacionais, do governo federal e da cara jurídica dos *bicheiros*, a Liga Independente das Escolas de Samba (LIESA). Não há nenhuma distinção no inimigo e, ao mesmo tempo, esta escória se apropria do mais íntimo da alma popular. É literalmente, o objeto de desejo do senhor de

engenho por mucamas, negras e mulatas, implantando nos corpos dos opressores; a sensualidade do oprimido na carne do opressor, porque até isso *"eles"* nos tiraram.

Do lado de fora da festa, a grade separa quem não fez prestação e crediário para comprar o ingresso. Grades, polícia, segurança de bicheiros, federais, agentes da ABIN e mais todo o lixo da repressão oficial e oficiosa. Aliás, isto por aqui pouco tem diferença. No Rio, as delegacias e distritos tem sua divisão original de acordo com os pontos das bancas de bicho, assim a *"caixinha"* já estava dividida pelo espaço geográfico. Sinistro e real companheiros. Rodeando a *"passarela"*, mais de trinta morros com comunidades divididas e dominadas por facções rivais. A verdade é que a zona central do Rio de Janeiro nunca esteve sob controle total do estado burguês. Na virada do século passado, a zona portuária também era conhecida como *"Pequena África"*; hoje dá prá afirmar que as mais de 600 comunidades de favela da cidade são a *"Grande África"*, divididas, espoliadas e dominadas, assim como o continente irmão.

No carnaval, a festa de elite, desapropriada e feita popular pela classe, outra vez vem sendo retomada pelo inimigo. A infiltração começa nos anos '50, quando a *bicheirada* procurou se legitimar territorialmente, e passaram a ser *"padrinhos"* das escolas de samba, até então de base comunitária. Nos anos '70, vieram as gravadoras multinacionais, e seus discos de samba enredo. Nos anos '80, as escolas passaram a vender 2/3 de suas vagas e fantasias e, no terço restante, *"vestem"* membros das comunidades. De 15 anos prá cá, o desfile de modelos, manequins, artistas, *globais* e *socialites*, tomou o espaço e o brilho dos passistas e *"mulatas"* (este por si só um conceito racista). A onda é a seguinte, fazer do povo coadjuvante em sua própria festa, que deixa de ser popular para se tornar *"nacional"*, embranquecida e não mais *negra*, erotizada e não mais alegre. E por aí vai nosso imaginário *pro* ralo e as expressões mais autênticas sendo engolidas pelo *"outro lado"*.

Quando há povo e cotidiano, as contradições ficam a flor da pele, a luta de classes está em todo o lugar, basta observar bem. Há mais de 100 anos, as maltas se confrontavam com a polícia, alguns irmãos vendiam sua alma pra Guarda Negra da Princesa Isabel e, por vezes, a classe se unia para objetivos comuns. Durante o desfile, do lado de fora da *"festa popular"*, a classe se amontoa; camelôs, garis da limpeza, menores, donas-de-casa, moradores das favelas e cortiços do Centro, todos esperando sua vez de desfilar. Com os olhos voltados para a avenida, bandido com e sem gravata, cercados de vagabundas de luxo e falsos-malandros-policiais e seguranças, se protegem de tudo e de todos, em especial de nós, massa até então sem rosto e sem destino. A lucidez do inimigo surpreende, *"eles"* se unem e se agrupam, aguardando a resposta popular, que apenas ainda não veio, pelo menos de forma organizada.

Assinatura anual de apoio (seis exemplares - R\$ 7,00);

pacote de 10 *Liberas* (R\$ 3,00);

solicite a nova tabela de publicações a venda.

Depósitos: Bradesco - Ag. 0026-4 - c/c: 240.765-5 - a/c

Renato Ramos. Envie comprovante de depósito para o

CELIP (Aceitamos selos, dinheiro ou cheque nominal)

Tiragem: 2.000 exemplares.

Os textos assinados não necessariamente refletem a opinião do Coletivo Editorial do CELIP.

A VIOLÊNCIA DO MUNDO DAS LEIS

Para onde quer que nos voltemos, descobriremos que a nossa vida é baseada na violência ou no medo que ela nos inspira. Desde a mais tenra infância sofremos violência dos nossos pais ou dos mais velhos. Em casa, na escola, no escritório, nas fábricas, nos campos, nas lojas, é sempre a autoridade exercida por alguém que nos mantém submissos e nos leva a obedecer suas ordens.

Chama-se Autoridade o direito de obrigar alguém a fazer alguma coisa. É e nessa atmosfera de violência e de força, de autoridade e obediência, de dever, medo e castigo que crescemos — é ela o ar que respiramos pela vida afora. Tão impregnados estamos do espírito da violência, que jamais nos detemos a pensar se ela é certa ou errada. Interessa-nos apenas saber se é legal, se é autorizada por lei. Não questionamos o direito que o governo tem de matar, confiscar e aprisionar. Se um indivíduo cometesse num só ano todos os erros que o governo comete todos os dias, nós o chamaríamos de criminoso, ladrão e patife. Mas desde que a violência cometida seja legal, nós a aprovamos e nos submetemos a ela. Assim, na verdade não fazemos objeções à violência em si, mas apenas àqueles que a usam ilegalmente.

Essa violência legal e o medo que ela nos inspira é que são os fatores dominantes de nossa vida individual e coletiva. Do berço ao túmulo, há sempre uma autoridade que controla a nossa vida, seja ela a autoridade dos pais, dos sacerdotes ou a autoridade divina, política, econômica, social e moral, ela será sempre o mesmo carrasco que detém o poder sobre nós pelo medo que nos inspira o castigo. Tememos a Deus e ao Diabo, ao padre e ao vizinho, ao empregado e ao patrão, ao político e ao policial, ao juiz e ao carcereiro, à lei e ao governo. Toda a nossa vida é uma corrente de medos — um medo que fere o nosso corpo e dilacera o nosso coração. A autoridade de Deus, da Igreja, da Nação, dos capitalistas e dos governantes está baseada no terror.

Examine seu coração e veja se não é verdade o que acabo de dizer. Ora, se até mesmo entre crianças observamos que o Joãozinho, que tem apenas 10 anos, comanda seus irmãos baseado apenas na sua força física, da mesma forma que seu pai manda nele por ser mais forte e porque o menino depende dele.

Submetemo-nos à autoridade que governa toda a nossa existência — a autoridade do passado e do presente, dos mortos e dos vivos, e a nossa vida não passa de uma invasão contínua e de uma violação perpétua de nós mesmos, de uma sujeição constante aos pensamentos e desejos do outro.

E à medida em que vamos sendo invadidos e violentados, vingamo-nos inconscientemente invadindo e violentando a vida daqueles para os quais nós representamos a Autoridade e sobre quem podemos exercer alguma forma de pressão, seja ela física ou moral. Assim, toda a nossa vida se transforma numa doida colcha de retalhos que mistura autoridade, domínio e submissão, ordens e obediência, coação e sujeição, governantes e governados, violência e força ocultos sob mil disfarces.

Será portanto de espantar que até mesmo os idealistas acabem presos nas redes desse espírito de autoridade e violência e sejam freqüentemente levados, pelos seus próprios sentimentos e pelo meio ambiente, a agir inteiramente em desacordo com suas idéias?

Ainda somos bárbaros que recorrem à força e à violência como forma de saldar nossa dívidas e resolver nossas dificuldades e problemas. A violência é o método dos ignorantes e dos fracos. Aqueles que têm a mente e o coração fortes não precisam lançar mão

dela porque são irresistíveis na sua convicção de que a razão está com eles.

Quanto mais nos afastarmos do homem primitivo e da Idade da Pedra, menos teremos que recorrer à força e à violência. Quanto mais sábio se tornar o homem, menos desejos terá de utilizar os métodos de coerção e da violência. Ele se erguerá do pó e permanecerá ereto e não se inclinará diante de nenhum rei, tanto na terra como no céu.

O Homem só se tornará totalmente humano quando desprezar o governo e recusar-se a ser governado.

O Anarquismo é o ideal de tal condição: uma sociedade em que os métodos de força e de coerção não serão utilizados, e onde todos os homens serão iguais e viverão em liberdade, paz e harmonia.

Alexander Berkman

Nota: Texto extraído do livro *Os Grandes Escritos Anarquistas* (organizado por George Woodcock), publicado pela editora L&PM em 1981, e publicado originalmente no livro *O que é o Comunismo-Anarquista*, de 1929.

Alexander Berkman nasceu em Vilna (Rússia ocidental) em 24 de novembro de 1870, filho de um rico comerciante, que lhe possibilitou uma excelente educação. Por conta de suas idéias revolucionárias, Alexander foi expulso do ginásio, tendo entrado em uma lista negra que lhe impediu de cursar uma universidade na Rússia. Com 17 anos emigrou para os Estados Unidos, onde trabalhou como alfaiate e gráfico. Passou a atuar no movimento anarquista de Nova Iorque a partir de 1889, participando dos círculos radicais judaicos e alemães, de onde nasceu uma forte amizade e companheirismo com Emma Goldman. Trabalhou inicialmente no jornal dos anarquistas alemães *Freiheit*, dirigido por Johann Most. Em 23 de julho de 1892, na cidade de Pittsburg, Berkman realizou sozinho um atentado contra o dono da Siderúrgica Carnegie, Henry Frick, símbolo da exploração e da violência contra os operários metalúrgicos norte-americanos. Frick ficou apenas ferido e Berkman foi condenado a 22 anos de prisão, tendo sido libertado em maio de 1906 após cumprir pena de 14 anos. A partir daí, Berkman e Emma envolveram-se em todas as lutas libertárias, promovendo campanhas de solidariedade a presos e grevistas, publicando o jornal *Mother Earth* e diversos livros, organizando manifestações e, em 1911, fundaram em Nova Iorque uma Escola Moderna, inspirada nas idéias de Francisco Ferrer. Em junho de 1917, Berkman foi preso e processado na Califórnia, acusado de um atentado em San Francisco no ano anterior. Sua extradição foi solicitada e uma vigorosa campanha de solidariedade organizada por Emma Goldman conseguiu sua libertação em novembro daquele ano. Em dezembro de 1919, Berkman, Emma e mais 240 radicais foram expulsos dos EUA, seguindo para a Finlândia. Os dois companheiros penetraram na Rússia em plena Guerra Civil, seguindo para São Petersburgo. Após uma empolgação inicial com os rumos da revolução bolchevista, ambos decepcionaram-se após a brutal repressão aos marinheiros de Kronstadt (março de 1921) e, no final desse ano, foram presos pela polícia secreta soviética e deportados para a Suécia. Berkman passou a atuar no movimento libertário europeu, tendo fixado residência em Nice (França), onde se suicidou com um tiro no dia 28 de junho de 1936, pouco antes de estourar a Guerra Civil na Espanha.



A. Berkman em março de 1927

SEMINÁRIO ESTADUAL PRÓ-RESISTÊNCIA POPULAR

Nova Friburgo/RJ, 28 e 29 de janeiro de 2000

Existem algumas etapas clássicas nos processos de qualquer corrente de esquerda, reformista, ou de intensão revolucionária, como é o nosso caso. Podemos dizer que a etapa organizativa, quando novamente tentamos superar nossa própria fragmentação (ao menos a nível do Estado do Rio), começou na convocatória e realização do Encontro Estadual de Estudantes Libertários (Enelib, em 16 de outubro de 1999, no campus central da UERJ).

Para o Enelib, foram levadas duas propostas, uma delas a de formação no Estado da corrente político-social Resistência Popular e a outra de fomentar coletivos com grau total de autonomia que se coordenariam para temas pontuais ou tarefas específicas, restrita a coordenação a tarefa ou ao evento em si. Para o encaminhar da Resistência, foi tirado um cronograma, cuja segunda instância estadual a ser realizada seria o Seminário Estadual Pró-Resistência Popular. O Seminário se deu em Nova Friburgo- região serrana do Rio, nos dias 28 e 29 de janeiro de 2000, respectivamente sábado e domingo.

Para realizar um Seminário legítimo, nos 3 meses que antecederam a sua realização, construímos trabalho e discussões, que se traduziram na seguinte pauta e programação da instância:

28/01/2000, sábado.

Início com almoço coletivo.

Tema da tarde: "trabalho de base e inserção social: suas concepções"

Tema da noite: "análise das esquerdas no Brasil: história e atualidade"

29/01/2000, domingo

Tema da manhã: "estrutura e modelo de gestão para as entidades de base"

Almoço coletivo

Tema da tarde: "poder popular- uma primeira discussão e busca de conceitos"

No Seminário, estavam presentes com delegação todas as cinco células da corrente no Estado: Rio de Janeiro, Niterói, São Gonçalo, Baixada Fluminense e Nova Friburgo. Também membros dos coletivos de teoria e propaganda que levam a proposta da corrente desde o Enelib: o CELIP, o Laboratório de Estudos Libertários (revista Ruptura) e o Círculo de Estudos de Nova Friburgo; ou seja, nossas instâncias fóruns mais legítimos, além de alguns companheiros que se aproximaram e foram convidados a participar. No total, mais de 40 pessoas, todas (ou quase-todas) com militância de base e participação política na corrente.

Além do material-documento produzido na discussão do seminário (obs: que está a disposição, bastando pedir ao CELIP ou ao e-mail da corrente no Rio), tiramos um cronograma para cumprirmos até o lançamento público da Resistência no Estado:

Março/2000, durante o carnaval, envio de delegados para o Encontro Nacional de Tendências Libertárias (ENTEND), em Mogi das Cruzes, SP.

Abril/2000, na primeira quinzena, realização do primeiro conselho da corrente, com presença de delegados das 5 células, mais os membros da comissão (executiva provisória), na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ.

Abril/2000, na data da invasão, envio de delegados para os protestos populares contra os 500 anos de genocídio, em Porto Seguro, BA.

E também ficou cogitado a realização de mais um conselho antes do congresso de fundação da Resistência no Rio de Janeiro, a princípio marcado para o final de junho de 2000 (obs: o conselho de abril apontou a necessidade de outro conselho estadual antes do congresso de fundação, ficando assim o congresso para, a princípio, o segundo semestre de 2000).

O que se poderia deixar como registro, além do cumprimento das deliberações coletivas, foi o maravilhoso ambiente da instância. De maneira formal e informal, trocamos idéias e experiências, entre militantes com atuações secundarista, universitária, comunitária, de apoio aos sem-terra, de organização dos sem-teto, além de uma larga trajetória dentro do movimento anarquista do Estado. Vale lembrar que, fora alguns companheiros "dinossauros" (com 10 a 15 anos de militância social e libertária), o que de fato se vê é a chegada de uma nova leva de militantes, muito decididos, já com uma boa experiência (algumas conquistas e alguns tombos, para forjar os militantes) e muito, mas muito firmes no compromisso e dedicação a luta popular.

Tão marcante como a valentia e compromisso já por dezenas de vezes demonstradas no pau, em ocupações, conflitos e enfrentamentos com a repressão, é a serenidade e a modéstia do que está sendo formado. Podemos dizer que o clima do seminário foi de dedicação, humildade e companheirismo. Sabemos que ainda contribuímos muito pouco com a luta de nosso povo, mas estamos nos mesmo passos dos companheiros da *Federação Operária do Rio de Janeiro* (FORJ) e de seus inesquecíveis grevistas, militantes e insurretos de 1918. Como sempre afirmamos, é no suor desta companheirada que vamos construir o futuro de nossa corrente, e a luta de nosso povo!!

e-mail da pró-Resistência Popular/RJ: rprj@hotmail.com

ENDEREÇOS LIBERTÁRIOS: CELIP/ÍDEO. CP 15001. CEP 20155-970. RIO/RJ. LETRALVIRE. CP 50083. CEP 20062-970. RIO/RJ * CCS/SP. CP 2066. CEP 01060-970. SÃO PAULO/SP * ANA. CP 78. CEP 11525-970. CUBATÃO/SP * MLPL. CP 146. CEP 40001-970. SALVADOR/BA * APPL. CP 053. CEP 40001-970. SALVADOR/BA * AÇÃO COLETIVA. CP 230. CEP 85851-970. FOZ DO IGUAÇU/PR * ULBS. CP 2137. CEP 11060-970. SANTOS/SP * CCL/BH. CP 1293. CEP 30123-970. BELO HORIZONTE/MG * SAT. CP 269. CEP 12460-970. CAMPOS DE JORDÃO/SP * MAI/BA. CP 185. CEP 40001-970. SALVADOR/BA * OCA. CP 5191. CEP 74021-970. GOIÂNIA/GO * ULMA. CP 710. CEP 65001-970. SÃO LUÍS/MA * RESISTÊNCIA POPULAR NOS ESTADOS: RP-GAÚCHA. CP 5098. CEP 90040-970. PORTO ALEGRE/RS * RP-SP. CP 1020. CEP 08741-970. MOGI DAS CRUZES/SP * RP-AMAZÔNICA. CP 1206. CEP 66017-970. BELÉM/PA * AÇÃO ESTUDANTIL. CP 1000. CEP 78005-970. CUIABÁ/MT * PRÓ-RP RIO. CP 15001. CEP 20155-970. RIO/RJ *



...AMORE MIO